



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELLEM SANTOS DE CASTRO

**OS DESAFIOS DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE MULHERES MÃES AO LONGO
DA GRADUAÇÃO NA UEPB CAMPUS III**

**GUARABIRA
2021**

ELLEM SANTOS DE CASTRO

**OS DESAFIOS DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE MULHERES MÃES AO LONGO
DA GRADUAÇÃO NA UEPB CAMPUS III**

Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia.

Área de concentração: Formação docente e identidade: gênero, sexual, geracional e étnico-racial.

Orientadora: Prof^a. M^a. Arilane Florentino Félix de Azevêdo

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C546d Castro, Ellem Santos de.
Os desafios de acesso e permanência de mulheres mães
ao longo da graduação na UEPB Campus III [manuscrito] /
Ellem Santos de Castro. - 2021.
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Arilane Florentino Félix de
Azevêdo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Maternidade. 2. Dupla jornada. 3. Mãe-universitária. I.

Título

21. ed. CDD 346.015

ELLEM SANTOS DE CASTRO

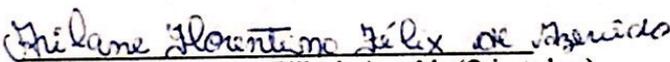
OS DESAFIOS DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE MULHERES MÃES AO LONGO DA
GRADUAÇÃO NA UEPB CAMPUS III

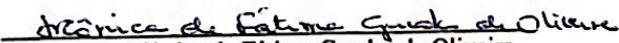
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

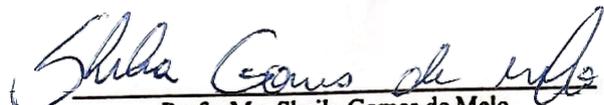
Área de concentração: Formação docente e identidade: gênero, sexual, geracional e étnico-racial.

Aprovada em: 04/04/2021.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ma. Arilane Florentino Félix de Azevêdo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar e dar força para que eu chegasse até aqui.

Ao meu noivo Jaciel, pela compreensão, apoio, amizade e principalmente por confiar nas minhas potencialidades. Te amo.

À professora Arilane Florentino pelas conversas e compreensão ao longo dessa orientação, o seu amor e profissionalismo me inspiram.

Ao meu pai Leomar, aos meus irmãos Ellyton e Ellyson, meus sogros Jacinta e Gentil, a minha cunhada Graziely, por compreender minha ausência nas reuniões familiares.

A minha mãe (*in memoriam*), pelo apoio prestado, força e motivação para terminar o curso de Pedagogia.

As professoras e professores do Curso de Pedagogia da UEPB, em especial, Lívia Maria, Verônica Pessoa, Débora Regina, Mônica de Fatima, Estevam Dedalus, Luciana Nascimento, Mônica Guedes e Sheila Gomes, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

As minhas amigas pelo apoio moral e risadas que demos juntas em especial Marta, Magna, Silvana, Fernanda, Raíssa e Rossanna, a Angélica e sua filhinha Lara, a Thiago pelos infindáveis áudios que mandei para resolver meus problemas tecnológicos e aos parceiros do famosíssimo grupo WhatsApp *Elite*.

“Eu disse para mim mesma: “Malala, você deve ser corajosa. Você não deve ter medo de ninguém. Você só está tentando se educar. Você não está cometendo nenhum crime”

Malala Yousafzai

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso destaca o cenário da universidade pública em especial a UEPB, na qual muitas mulheres enfrentam desafios durante a gestação e na criação dos filhas e filhos pequenos e pequenas no percurso da graduação. A rotina da dificuldade dessas mulheres-mães-universitárias em conciliar a vida acadêmica pessoal e materna diariamente faz despertar o seguinte questionamento: no que concernem as vivências das mães universitárias na UEPB campus III, quais os obstáculos diários as mesmas perpassam para continuar no Curso de Pedagogia desta universidade? Visando a valorização dessas mulheres no contexto educacional este trabalho pretende analisar as narrativas e vivências das mães universitárias, as dificuldades enfrentadas durante sua formação no Curso de Pedagogia na UEPB campus III, levando em consideração a essa dupla jornada e seus impactos na formação da discente. Para construção deste trabalho utilizamos autoras como Urpia (2009), Minayo (2007), Lanzetta (2016) Priore (2008) Pereira e Favaro (2017) Stellin (2011) entre outros. Este trabalho se divide em cinco capítulos que abordam respectivamente a história da maternagem, a trajetória da mulher no ensino superior, suas dificuldades, em seguida o percurso metodológico para a elaboração deste, a análise e discussão do material empírico e as considerações finais. A luta para acompanhar o ritmo imposto pela sociedade de serem perfeitas em tudo que exercem é extremamente exaustiva, portanto é necessário que providenciemos uma reeducação a cerca dá não perfeição feminina e a sobrecarga de trabalho que as mesmas carregam durante toda vida pessoal e acadêmica.

Palavras-chave: Maternidade. Dupla jornada. Mãe-universitária.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión del curso destaca el escenario de la universidad pública, especialmente la UEPB, en el que muchas mujeres enfrentan desafíos durante el embarazo y en la creación de hijas y niños pequeños en la carrera de pregrado. La rutina de la dificultad de estas mujeres-madre-estudiantes universitarias para conciliar la vida académica personal y materna en el día a día plantea la siguiente pregunta: respecto a las experiencias de las madres universitarias en la UEPB campus III, ¿cuáles son los obstáculos diarios que enfrentan para continuar en el Curso de Pedagogía de esta Universidad? Con el objetivo de valorar a estas mujeres en el contexto educativo, este trabajo pretende analizar las narrativas y vivencias de las madres universitarias, las dificultades enfrentadas durante su formación en el Curso de Pedagogía de la UEPB campus III, teniendo en cuenta este doble jornada y sus impactos en la formación de los estudiantes. Para construir este trabajo se utilizaron autores como Urpia (2009), Minayo (2007), Lanzetta (2016) Priore (2008) Pereira y Favaro (2017) Stelin (2011) entre otros. Este trabajo se divide en cinco capítulos que abordan respectivamente la historia de la maternidad, la trayectoria de la mujer en la educación superior, sus dificultades, seguido del camino metodológico para su elaboración, el análisis y discusión del material empírico y las consideraciones finales. La lucha por seguir el ritmo que impone la sociedad para ser perfectos en todo lo que ejercen es sumamente agotadora, por lo que es necesario que proveeremos una reeducación alrededor de la cerca, que no le da la perfección femenina y la sobrecarga de trabajo que ellas. llevar a lo largo de su vida personal y académica.

Palavras-clave: Maternidad. Doble jornada. Madre-universitaria.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CONSUNI	Conselho Universitário da UEPB
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
MEC	Ministério da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. MATERNIDADE E UNIVERSIDADE.....	11
1.1 A história da maternagem.....	11
1.2 Contexto histórico das mulheres nas universidades	12
2 OS DESAFIOS DA MÃE UNIVERSITÁRIA	14
2.1 A importância da rede de apoio.....	15
2.3 A dona de casa: trabalho árduo, mas invisível	16
3 PERCURSO METODOLÓGICO	18
3.1 Contexto da pesquisa.....	19
3.2 O <i>lócus</i> da pesquisa	20
3.3 Coleta do material empírico e instrumentos envolvidos	20
3.4 Colaboradoras da pesquisa: as mães universitárias	21
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	22
4.1 Entrevista com as interlocutoras.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE A – ROTEIRO TEMÁTICA DE ENTREVISTA.....	35
ANEXOS	36

INTRODUÇÃO

Na luta pela igualdade de gênero, o ingresso da mulher brasileira nas instituições de ensino superior é algo recente, iniciado somente a partir do século XIX segundo (COSTA, 2017). Atualmente as mulheres já são maioria nos cursos de graduação e segundo o IBGE (2010) somam 55,5% das inscritas nos cursos presenciais no Brasil, mas seguem ocupando vagas que socialmente são tidas como femininas tais como pedagogia, letras e enfermagem. Discentes nesta situação tem que se desdobrar em várias funções, desde o café da manhã até as madrugadas, horário que costumeiramente utilizam para estudar após suas obrigações de mãe e dona de casa.

Nesse cenário investigamos as dificuldades e prazeres que essas mulheres têm ao ingressar no ensino superior muitas vezes tendo que os levar para aula. A realidade desta sociedade permite estabelecermos a relação entre maternidade e carreira acadêmica, visto que essas mulheres muitas vezes são discriminadas e excluídas pelos próprios acadêmicos na universidade em questão levando-as a desistir do curso, segundo os relatos das próprias entrevistadas.

A convivência com os relatos diários de dificuldades e conquistas vindo de mães universitárias do curso de pedagogia fez crescer o desejo de abordar uma temática tão importante e que muitas vezes passa despercebido por nós, recentemente com a gravidez não planejada uma colega de turma fez o desejo esquecido aflorar novamente, desta vez de forma tão fervorosa que não podíamos mais ignorá-lo, a partir desta motivação surgiu este trabalho intitulado “Os desafios de acesso e permanência ao de mulheres mães ao longo da graduação na UEPB campus III”.

Muitas alunas do Curso de Pedagogia da UEPB- campus III tornaram-se mães ou já eram mães e optaram por permanecerem no curso, mesmo com os vários desafios a serem superados e a partir desta realidade surgiu a seguinte questão: no que concernem as vivências das mães universitárias na UEPB campus III, quais os obstáculos diários as mesmas perpassam para continuar no Curso de Pedagogia desta universidade? O objetivo geral deste trabalho é, analisar as narrativas e vivências das mães universitárias, além das dificuldades e motivações a continuar o Curso de Pedagogia na UEPB campus III, levando em consideração a essa dupla jornada e seus impactos na formação da discente, e têm como objetivos específicos os seguintes aspectos: Discutir o contexto histórico das mulheres na universidade brasileira; Analisar o perfil das mães universitárias da UEPB –

Campus III; Perceber as motivações das discentes para conciliar a academia e a maternidade; Apresentar as desmotivações das mães para permanecer na graduação.

Ao utilizar os relatos de tais mulheres que percorreram e percorrem a graduação se prontificando a cursar a graduação mesmo diante de uma gravidez, seja ela planejada ou não, encorajaremos outras mulheres a ingressar no ensino superior.

De acordo com Moura e Araújo (2004), o cuidar da criança há muito é visto como papel destinado exclusivamente a mulher, pois acreditava-se que era o “instinto natural” das mulheres graças aos discursos de médicos, filósofos entre outros a partir do século XVIII, pois até então pouca diferença se fazia entre mulheres e crianças no casamento já que o homem era a figura máxima de autoridade, o cuidado com a criança era mínimo, a mesma a partir de seus 07 anos era tida como um adulto, somente a partir de 1760 com as inúmeras publicações exaltando o “amor materno” como valor favorável a espécie e destinado a mulher aliado ao surgimento do liberalismo é que o cuidar da criança foi se (re)moldando.

No Brasil tal mudança pode ser melhor observada com a vinda da família real junto a corte portuguesa que impuseram no Brasil os valores europeus como família e higiene, e, com esses valores sendo embutidos na sociedade brasileira, a terceirização do aleitamento dos bebês, muito comum as mulheres dos senhores de engenho passou a ser visto como anormal e fugia ao “dom natural materno” sendo colocado como uma infração e fazendo com que a mulher passasse mais tempo confinada, pois o aleitamento das crianças na época duravam 2 anos ou mais.

Delimita-se a importância desse trabalho pelo reconhecimento da mulher- mãe- universitária como protagonista de vários papéis, necessitando de apoio de familiares, professoras/professores e terceiros no que envolve o cuidado com os filhos enquanto estão ausentes e flexibilização dos prazos devido a sua condição. É muito difícil para essas mulheres atenderem certos conceitos impostos pela sociedade para ser uma “boa mãe”, “boa aluna” e “boa dona de casa”. Portanto este trabalho busca favorecer a discussão acerca da sobrecarga de demandas sobre a mulher-mãe no período acadêmico.

1. MATERNIDADE E UNIVERSIDADE

Neste capítulo abordamos a história da maternagem, a mulher no ensino superior e os dilemas enfrentados por elas nestes âmbitos específicos. Visto que todas são atribuições a elas conferidas. Nos debruçaremos na história destes constructos sociais.

1.1 A história da maternagem

A relação mãe e filha/filho que conhecemos hoje é fruto de uma construção sócio-política, pois até os séculos XV e XVI o conceito de família era desconhecido

Cenas de família eram raras, embora houvesse a instituição família propriamente dita, enquanto realidade vivida. Os filhos não eram tratados com cuidados especiais e geralmente enviados a amas-de-leite, mulheres camponesas e pobres que cuidavam destas crianças até certa idade (ARIÉS, 1981; BADINTER, 1987). Somente com a modernidade, na constituição da família nuclear e valorização do infantil, surge a função de mãe cuidadora. (STELLIN, 2011, p. 171)

Ou seja, a concepção de mãe que temos hoje em muito difere da concepção de mãe citada pelas autoras. Era comum que as mulheres ricas enviassem seus filhos para as amas-de-leite, enquanto na atualidade a mulher que não consegue amamentar a filha ou filho se sente culpada, pois criou-se na sociedade com esse conceito de mãe amorosa e família que a amamentação é o momento que a mãe cria vínculo com as filhas e filhos, pois uma “boa mãe” tem que suprir todas as necessidades do bebê.

O papel do pai no cuidado com a filha ou filho socialmente é de provedor, papel esse legitimado socialmente, pois o homem não possuiria o “dom natural” feminino de cuidar e educar, até então função que não era questionada, mas a partir da entrada das mulheres no mercado de trabalho esta função começou a ser questionada e o desejo de que o pai compartilhasse os cuidados com as atividades domésticas e o cuidado com as filhas e filhos vêm aumentando. “Quanto maior é a possibilidade no ambiente profissional, menor o tempo para se dedicarem às tarefas domésticas”. Como exemplo, citamos a fala de uma das entrevistadas Lúcia¹.

Lúcia: Meu contratempo são os horários porquê a minha menina fica com minha mãe e o pequeno fica dormindo com o pai, pra quando acordar o pai levar pra casa da avó também e ficar lá, mas o que acontece, às vezes ele acorda muito tarde e **atrapalha o horário do meu marido** (Grifo nosso),

¹ Nome fictício utilizado para proteger a imagem e integridade das colaboradoras.

quando atrapalha e ele tá de bom humor passa livremente, bem gostoso, mas quando ele tá com o satanás no couro, como se diz, ai vem toda aquela raiva que ele teve deu tá estudando... Aí ele vem em cima né, que eu tô estudando, não tô dando atenção ao menino, que o menino tá lá e ele precisa ficar senão o menino fica só e não sei o quê.²

Surge o desejo de partilhar com o cônjuge as responsabilidades tanto da casa quanto da criação dos filhos” (LANZETTA, 2016, p.23). Nota-se ainda que junto a esta constante exigência aos pais os mesmos começaram a engajar-se no ato de cuidar, assistindo ao parto e primeiras horas com as filhas e filhos.

De acordo com Boff (1999), o cuidar é mais que um ato, é uma atitude que envolve preocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com o outro. O teólogo brasileiro, em seu texto *Quem cuida do cuidador?* (2012), parte do princípio que faz parte da essência dos seres humanos serem seres de cuidado. (LANZETTA, 2016, p.33)

Atualmente muito ainda é naturalizado pela sociedade sobre o cuidar, muito avançamos, mas ainda precisamos desconstruir o ideário de que a mãe perfeita é a que se dedica somente a filha ou filho 24 horas por dia 365 dias por ano. Mas de modo sutil começamos a notar estas mudanças nos relatos postos no capítulo 3, nas falas de Glória e Maria.

1.2 Contexto histórico das mulheres nas universidades

Em todo o mundo a mulher era vista como sexo frágil devendo estar sempre protegida pelo pai ou marido do trabalho exterior para cumprir sua “santa Missão” como afirmam Pereira e Favaro *apud* Aranha (2006). Portanto sua educação era voltada para os afazeres domésticos e maternos, lhe garantindo um bom marido; tal cultura foi transmitida pelos países Europeus (principalmente Portugal) durante a colonização. A primeira reivindicação acerca da entrada das mulheres na escola segundo Costa (2017) se deu durante a colonização brasileira

Ao que parece a primeira reivindicação para o ingresso de meninas nas escolas de ler e escrever vieram de índios brasileiros que achando injusta essa exclusão, solicitaram ao Pe. Manoel Nóbrega, jesuíta encarregado da primeira escola, a entrada de suas filhas no ensino. O Padre chegou a enviar carta para a Rainha de Portugal, Dona Catarina, mas não obteve sucesso, tendo o pedido negado sob a alegação de que o acesso das mulheres indígenas à cultura da época poderia apresentar consequências nefastas para a sociedade. (COSTA, 2017, p.33)

² Todas as transcrições foram feitas de forma livre, sem obediência as normas de transcrição.

Pode-se observar então o desinteresse da coroa em alfabetizar “selvagens” que serviam apenas para o lucro de Portugal. Mesmo as mulheres que viviam na corte possuíam pouca leitura, sabiam apenas o suficiente para os livros de oração. Após a separação de Brasil e Portugal e a mudança dos hábitos da sociedade não convinha que a mulher continuasse ignorante, para isso começou-se a instruí-la na música, literatura e bons modos transformando em algo a ser apresentado pelo marido.

A igreja teve forte influência sobre o que a mulher poderia ou não aprender, pois ao homem cabia o papel de autoridade, a mulher era “condenada” a pagar pelo erro de Eva, fato que fica evidente na *Bíblia Sagrada* na *Carta aos Efésios* escrita pelo apóstolo Paulo que assim diz:

²²As mulheres sejam submissas a seus maridos como ao Senhor, ²³ pois o homem é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, ele que é salvador do corpo. ²⁴ E assim como a igreja esteve submissa a Cristo, assim também estejam as mulheres submissas em tudo aos maridos. (BÍBLIA, 2015. p.22-24)

As mulheres eram fortemente vigiadas pela família e igreja, para que não caíssem em tentação. Somente no final do séc. XIX criaram na escola normal uma seção feminina destinada ao ensino de disciplinas que lhes forneça bom comportamento e destreza nas habilidades domésticas e eram lecionadas por professoras mulheres, deste modo ganhando mais espaço no mercado de trabalho voltado a educação, pois por serem mulheres teriam o “dom de ensinar”. Com a abertura dessa escola as mulheres podiam se especializar no magistério, mas ainda não podiam ingressar num curso superior, pois os exames feitos no colégio D. Pedro eram exclusivos para os homens como destacam Pereira e Favaro *apud* Aranha (2017, p.5) além das gestações durante sua vida que as impossibilitavam de continuar seus estudos.

Quanto ao ensino superior os Estados Unidos foram os primeiros a permitir a entrada das mulheres no ensino superior em 1837 a universidade feminina “*Womans College*” é fundada no estado de *Ohio* enquanto no Brasil apesar das divergências data-se que foi na década de 1880 que a primeira mulher ingressou na universidade. Segundo Pereira e Favaro (2017):

Aranha (2006, p. 230) indicou que “a primeira mulher a se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi Dona Ambrozina de Magalhães, em 1881”. Já para Bezerra (2010, p. 4), a “primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil, foi no estado da Bahia no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina”. Para Beltrão e Alves (2009), foi somente em 1887 que Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher a obter o título de médica no Brasil. (PEREIRA; FAVARO. 2017, p.6)

Ao tratar sobre a primeira mulher a ingressar no ensino superior encontram-se divergências acerca do nome da primeira mulher, porém ambos confirmam o curso e o ano que a mesma ingressou no ensino superior como podemos ver no trecho citado anteriormente.

A descentralização do ensino proposta pela constituição de 1891 foi responsável pela expansão do ensino para as mulheres, porém continuavam em escolas normais e os homens com a escola técnica e a partir do séc. XX com a instituição do direito ao voto feminino expandiu-se ainda mais a educação feminina, em razão do voto só pode ser efetuado por pessoas alfabetizadas. Ainda nesse século com a instituição da LDBEM- Lei de Diretrizes e Bases em 1961 que oportunizava as mulheres estudantes do magistério disputar os vestibulares, assim favorecendo o sexo feminino que a partir de então só vem crescendo.

2 OS DESAFIOS DA MÃE UNIVERSITÁRIA

Segundo o IBGE (2016) cerca de 9% das mulheres universitárias com idades entre 19 e 29 anos têm filhos até 4 anos que requerem assistência familiar e acadêmica para que possam concluir o curso com mais chances de ingressar no mercado de trabalho. É difícil no contexto da maternidade com sua vida acadêmica já que ambos demandam tempo e atenção em tempo integral pois os cuidados das crianças e as atividades do curso se estendem para além da residência e universidade.

Essa dupla e às vezes tripla jornada faz com que muitas mulheres se sintam incompetentes tanto em seu papel de mãe como de estudante principalmente quando precisam passar por isso sozinhas, visto que cuidar exclusivamente das filhas/filhos é o que a sociedade considera “normal” já que ela não está fazendo mais que seu dever Bitencourt (2017) nomeia a execução dessas múltiplas funções de “mulher-elástica”. As mulheres que enfrentam esses desafios no dia-a-dia constantemente se frustram por buscar excelência no fazer diário e não obter o êxito esperado, pois convivem diariamente com o sono, cansaço e a culpa por não se dedicar somente as filhas/filhos e a casa como descrevem Ávila e Portes (2012). É então nesse contexto que detectamos as condições de permanência dessas mulheres na UEPB Campus III, se há apoio de familiares e a assistência oferecida pela universidade.

Na concepção de Moraes (2012) assumir diversos papéis na sociedade deixa a mulher em dúvida sobre sua capacidade, principalmente quando há funções delimitadas para homens e mulheres.

Ao assumir diversos papéis, a mulher passa por inúmeros conflitos e isso gera incertezas e culpa principalmente nas mulheres-mães trabalhadoras, tais como: estou agindo corretamente, estou conseguindo conciliar meu tempo, estou dando devida atenção aos meus filhos/as e ao meu lar, estou sendo

competente em meu emprego. Essa culpa foi gerada na sociedade, temendo que seu modelo de mulher fosse desconstruído: (MORAIS, p.17)

(...) mulher como mulher-mãe trabalhadora, uma pessoa que exerce vários papéis, o que, muitas vezes, gera uma sobrecarga de atividades para atender estereótipos de gênero, como por exemplo, ser uma trabalhadora competente, uma esposa competente, etc., quando alguma coisa acontece, a família a culpa por isso, fazendo com que a própria mulher se culpe por buscar uma independência profissional. (MORAIS, p.13)

As mulheres são as que mais sofrem quando o assunto é a gestão da vida familiar e a vida profissional, pois ainda é esperado delas que sejam impecáveis em todos os âmbitos geram nas mesmas a sensação de insuficiência. Portanto, um dos maiores obstáculos carregados por essas mulheres seja a culpa por não se dar ao máximo em todas as atividades exercidas, seja em casa, trabalho, universidade e maternidade, além da inflexibilização dos prazos para conclusão de algumas atividades acadêmicas, descritos por algumas das entrevistadas.

Glória: pra conciliar tem que acordar muito cedo, sair da zona de conforto que é o mais difícil e manter aquela rotina de “mulher dedicada”, “mulher de casa”, deixar as vezes de fazer um serviço de casa pra ir estudar, mesmo que seja de madrugada né!

Lúcia: O que eu consigo fazer pra conciliar esses dois é justamente deixar em foco algumas, como posso dizer? Prioridades, pra poder conciliar eu preciso dar prioridades a algumas coisas e as que eu dou mais prioridade é as tarefas acadêmicas e a função de mãe com eles, a atenção com eles, então as outras atividades que me envolvem que é dona de casa e esposa isso ai eu sempre deixo a desejar mais né!

Maria: Por exemplo meu marido é policial no dia que ele está no plantão e tem trabalho pra fazer ou eu não faço ou faço de madrugada. Fiz esses dias, ainda em que ele tava de férias, mas tirou extra e nesse dia eu pedi para ele não tirar porque eu tinha uns trabalhos pra fazer, mas mesmo assim ele teve que tirar um extra e eu só faço os trabalhos quando ela dorme, porque ela fica em cima direto, apesar de ter 1 ano e 6 meses, mas não quer estar só...

As mulheres quando têm filhas e filhos são forçadas a fazer grandes escolhas entre sua casa, autocuidado, as crianças ou as demandas universitárias que as fazem sentir um misto de emoções, pois alguma dessas funções tendem a ficar em segundo ou terceiro plano. As mães universitárias enfrentam ainda as ações desestimulantes pelos professores sentindo-se inferiores as alunas e alunos que se dedicam principalmente a carreira

2.1 A importância da rede de apoio

Sabendo que o patriarcado existe e é legitimado pelas mais diversas esferas da sociedade, seja família, escola, mercado de trabalho, entre tantos outros, esse sistema força de maneira direta e indireta a mulher para que esteja em uma situação inferior ao homem, sendo esse um dos pilares para o que discutiremos neste tópico (RIBEIRO 2016).

O exercício da maternidade atribuído inteiramente as mulheres, por envolver aspectos biológicos e o “dom natural” de cuidar faz com que muitas mulheres desistam da carreira por não receber apoio do companheiro no cuidado com os filhos, papéis esses que ao longo da discussão vimos que está em “adaptação”, pois nos relatos das participantes existem divergências da participação ou não dos genitores, principalmente quando as mesmas estão na universidade.

A rede de apoio na vida das mulheres mães entrevistadas é de suma importância para a permanência no percurso da graduação, sejam as creches, familiares ou as cuidadoras, traz a essas mães uma certa segurança para ir à universidade.

A importância de se sentirem amparadas e apoiadas para que possam desempenhar de forma adequada e saudável a função da maternagem. Fazem parte dessa categoria os mais diversos tipos de apoio, sejam eles representados pela mãe da gestante, pelo seu companheiro, por sua família, por uma empregada, ou seus amigos mais próximos. Ao serem abordadas pelo tema, eram, imediatamente, remetidas aos próprios apoios que recebiam em suas vidas em geral. Interessante constatar que esse “carga de apoio” era preenchido constantemente por uma figura feminina[...] (LANZETTA,2016, p.62)

O destaque a figura feminina se dá pelo fato de se naturalizar a ausência do pai no cuidar da criança, percebendo-se o pai como rede de apoio apenas em último caso “em algumas de nossas participantes, uma desconfiança em relação à capacidade de seus companheiros para cuidar dos filhos” (LANZETTA,2016 p.64).

De acordo com Lúcia as crianças ficam com sua mãe, o único dever do marido é os levar na casa de sua mãe, que segundo esta colaboradora as vezes ele fica bravo, pois as crianças “atrapalham” sua rotina. Enquanto Maria afirma que seu companheiro quando está de folga cuida das crianças para que ela possa ir à universidade e realizar as atividades respectivas a ela.

Glória, uma das participantes relatou que conta com a ajuda de uma babá para a filha mais nova e seu filho mais velho fica na escola enquanto ela está na universidade, Lúcia e Maria relatam que frequentemente seus filhos e filhas ficam com as avós, pois são vistas como pessoas experientes no cuidar, portanto aptas para ficar com a prole que como já citado o pai das crianças cumpre um papel mínimo no cuidado dos filhos e filhas.

2.3 A dona de casa: trabalho árduo, mas invisível

Nas falas das entrevistadas é possível ver a preocupação de todas no cuidado doméstico em falas de culpa, pois essa atribuição no cuidado com o lar ainda recai majoritariamente sobre elas, pois ainda está inculcado no imaginário da sociedade que as esferas do cuidar (da casa e dos filhos) é próprio da mulher, pois este é seu “dom natural”, portanto, a única tarefa atribuída ao homem é sustentar o lar.

O trabalho doméstico e o cuidado dos filhos é um trabalho necessário, pois ninguém come comida crua, anda sujo ou pode deixar os filhos abandonados. [...]. Queremos também que nossos companheiros reconheçam que a casa em que moramos e os filhos que temos são deles e que eles devem assumir conosco as responsabilidades caseiras e nossa luta por torná-las sociais. (MELLO, 2011. p.59)

Nas falas de Lúcia durante a entrevista ela deixa bem clara a insatisfação de seu companheiro quanto seu “desleixo” com os afazeres domésticos e maternos, pois o mesmo tem como tarefa ficar com o filho mais novo do casal até que ele acorde se a rotina de sono de seu filho atrapalhar a dele logo o mesmo culpa Lúcia pelo transtorno de horários. Para ele ainda não está claro que a responsabilidade do cuidado com a residência e sua prole também recai sobre ele.

A autora Santos (2008) em sua tese cita Duran num trecho onde se afirma que os garotos não saibam ao certo como será seu futuro, as garotas por outro lado, tem a impressão de que faz parte de seu destino os cuidados com o lar, bem como não será bem-sucedida enquanto além de dona-de-casa também não seja mãe. Então a partir dessas exigências recai-se sobre a mulher o cuidar, limpar e educar seus filhos a partir de regras estabelecidas pelos homens – curiosamente.

Assim, atividades como tricotar, reparos de costura, fazer um bolo no final de semana, ajudar as crianças com as tarefas da escola, levar os filhos à praia, entre outras, são vistas como pertencentes à esfera de lazer das mulheres, e dessa maneira invisibilizam sua extensa jornada de trabalho. (MELLO, 2011, p.71-72)

Ainda segundo Mello (2011), ao não reconhecer todas essas nuances como trabalho obrigatório feminino, a sociedade contribui para invalidar a exaustão da mulher dona de casa, pois com essa visão abre-se espaço para aqueles que acreditam que as mulheres em casa não estão fazendo nada, visto que seu esforço é constantemente minimizado a lazer.

A imagem abaixo mostra como certas atividades são vistas inerentes a mulher, mas impostas ao homem passam a ser trabalho. As donas-de-casa não tiram folga ou férias trabalham 24 horas por dia nos afazeres domésticos e maternos, estes que se convertidos em dinheiro seriam o equivalente a 11,2% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, mas assim como não tem valor econômico direto também não tem valor social atribuído.

Imagem 1: Quadrinho retirado do artigo de Mello



Fonte: Perseu: História, memória e Política . São Paulo, ano 5, nº 07, 2011, p.

No modelo de casamento e vida familiar tradicional, homens e mulheres têm papéis e funções bem demarcadas. O homem ocupa um lugar privilegiado, pois exerce uma atividade no mercado (trabalho público), contribui para a produção de bens e serviços, e possui uma remuneração que proporciona a manutenção financeira da família - o que lhe atribui poder, participação política (na esfera extra-lar), autonomia pessoal e dominação no contexto doméstico por ser o "chefe" da casa. A mulher, ao viver para a casa, exerce uma função reprodutora, realiza atividades gratuitas de subsistências, em uma situação de dependência e obediência, reclusa ao doméstico e à subordinação (Farias, 1983). (SANTOS, 2008, p.65)

Essa atividade feminina pode ser vista como moeda de troca pelo sustento oferecido pelo marido, mas esquecem que é a partir delas que muitos setores da economia giram, pois são elas que vão à feira, supermercado, compram e utilizam móveis e eletrodomésticos além de avaliar e indicar a outras donas de casa tais produtos deixando claro a importância dessas mulheres na economia do país. Santos (2008).

O sentimento de culpa relatados pelas entrevistadas podem ser analisados ainda sob a ótica de que o ser dona de casa está intrinsecamente ligado ao ser mãe, pois estas duas são as funções primeiras do "ser mulher" atribuídas pela sociedade patriarcal na qual estamos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo contextualiza esta pesquisa. Expõe-se aqui a motivação para sua realização. Desde a percepção na infância de certos esquemas impostos as meninas, até a

graduação quando foi estudado educação gênero e sexualidade, logo nos primeiros períodos. Esta temática surgiu com a gravidez de uma colega de turma ao observar como essa mulher mãe sofria ao tentar executar todos os papéis destinados a ela e quanto esta sobrecarga muitas vezes era legitimada por ser mulher. Nesse momento de contextualização, apresento os objetivos e a natureza do trabalho.

Em seguida, discorreremos sobre o *lócus* da nossa pesquisa. Para isso, apresenta-se o campus III da UEPB, em especial o curso de pedagogia. Também abordamos as questões relacionadas à coleta de dados e os instrumentos envolvidos, evidenciando a etapa da entrevista feita com as alunas mães.

Por fim, apresentamos as colaboradoras envolvidas na pesquisa, as mulheres mães do curso de pedagogia.

3.1 Contexto da pesquisa

O vigente trabalho de conclusão de curso está configurado de forma qualitativa em Educação que segundo Malheiros (2011) visa a análise e aprofundamento do entendimento dos docentes ao que inclui os contextos políticos e filosóficos da sociedade atual, analisando os métodos mais atuais de ensino. A pesquisa qualitativa oferece meios para a construção de um trabalho que gerencie melhor o tema proposto.

Entender como as mulheres mães lidam com a tripla jornada na sociedade passa pela compreensão de como o processo de desconstrução da cultura machista ajuda essas mulheres a partilhar esses “cargos”. Dentro desse contexto, nossa pesquisa objetiva investigar as dificuldades e prazeres que as mulheres têm ao ingressar no ensino superior muitas vezes tendo que levar as crianças para aula. A realidade desta sociedade permite estabelecermos a relação entre maternidade e carreira acadêmica.

O objeto desta pesquisa, os dilemas enfrentados pelas mulheres, mães e estudantes do curso de Pedagogia, foi investigado a partir das contribuições das interlocutoras já mencionadas. Portanto através do seguinte questionamento: no que concernem as vivências das mães universitárias na UEPB campus III, quais os obstáculos diários as mesmas perpassam para continuar no Curso de Pedagogia desta universidade? A hipótese inicial é que diariamente as mães estudantes são desafiadas a serem mães, estudantes, mulheres e donas de casa “perfeitas”, sendo essa “perfeição” impossível, muitas se põem num nível deplorável em seu autoconceito.

Buscamos analisar as relações entre as colaboradoras envolvidas através de entrevista semiestruturada, a fim de ver como o discurso machista ainda gera problemas a essas mulheres. Devido as várias atribuições que as interlocutoras têm que lidar tivemos que marcar as

entrevistas em intervalos entre aulas ou na residência da entrevistada, sendo está última a mais difícil, pois a mesma estava só com seus dois filhos um garoto de 6 anos e sua bebê de 2 anos.

3.2 O *locus* da pesquisa

A pesquisa foi realizada com as alunas mães do curso de pedagogia do campus III da UEPB. Este campus foi construído em 1981 inicialmente Faculdade de filosofia, Ciências e Letras de Guarabira-PB (FAFIG), localizada no Colégio Nossa Senhora da Luz no centro da cidade, mas em 1982 foi realocada para o bairro Areia Branca na rodovia 075-PB. Em 1986 deixou de ser FAFIG, pois foi incluída a FURNE - Faculdade Regional do Nordeste, mas assim Como a FAFIG a FURNE foi estadualizada se tornando-se o 3º campus da UEPB o Centro de Humanidades Osmar de Aquino da Universidade Estadual da Paraíba, voltado a formação de professores licenciados e bacharéis nas seguintes áreas: Geografia, Letras, História, Direito; pedagogia ainda não fazia parte do quadro de cursos da instituição.

O curso de pedagogia do Campus III só foi incluso no quadro de cursos em meados de 2005 quando professores do departamento de educação do curso de letras apresentaram a primeira proposta para a realização do curso, em 2006 o projeto foi aprovado com unanimidade pelo CONSUNI já sendo ofertado em 2007 nos vestibulares, em 2008 o curso foi homologado e em 2009 o PPP do curso foi aprovado e finalmente em 2011 o Departamento de Letras e Educação foi desmembrado criando o departamento de Educação vinculado a coordenação do Curso de Pedagogia.

Atualmente o curso oferece semestralmente 60 vagas sendo 30 para o turno matutino e as outras 30 no turno noturno e conta com duas áreas de aprofundamento: Gestão Educacional e Educação de Jovens e Adultos.

A pesquisa foi realizada com as mulheres mães dos 5º, 6º e 7º períodos do turno matutino, sendo realizadas em diferentes ambientes de acordo com a disponibilidade das entrevistadas, respeitando sua identidade e o horário de aula das mesmas.

3.3 Coleta do material empírico e instrumentos envolvidos

A coleta ocorreu no período compreendido entre março e maio de 2019, sempre no turno da manhã, pois esse é o turno em que as interlocutoras estão na universidade. Optamos por esse período de tempo, pois visávamos a oportunidade de uma brecha entre as aulas. Mas mesmo com esta logística uma das entrevistas foi realizada no domicílio da colaboradora. Sendo assim, esse processo precisou ser construído aos poucos, para que pudesse dar a atenção necessária a todas.

Inicialmente, pedimos permissão para gravar a entrevista por áudio para, a partir desse registro, termos material para análise das falas das colaboradoras. Fizemos as entrevistas em três dias (24 de março, 7 e 13 de maio) de 2019, pois precisávamos da disponibilidade das interlocutoras, mais uma prova de que as mulheres entrevistadas enfrentam vários obstáculos, pois marcamos por meio da rede social *WhatsApp* qual dia estariam livres em casa e não obtivemos resultado positivo para todas, sendo feito apenas com uma das interlocutoras dessa forma, optando então por analisarmos no quadro de horários uma brecha em comum sem aulas, justificando assim o grande intervalo entre as pesquisas.

A entrevista semiestruturada segundo (MINAYO, 2010, p.261-262) “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” por isso a escolha deste método de coleta de dados.

Realizamos a entrevista com a primeira colaboradora no dia 24 de março no turno da manhã em sua residência. A segunda entrevista foi feita na UEPB graças a um atraso de ambos os professores e a terceira foi no fim do horário das aulas enquanto esperávamos o ônibus. Iniciamos ambas entrevistas perguntando dados básicos como sua idade, idade dos filhos, período que cursa e estado civil. Com estas perguntas buscamos traçar um perfil dessas mulheres.

Na primeira entrevista feita com “Maria” a mesma estava sozinha com suas crianças, pois seu companheiro atua como policial militar e estava em serviço naquele dia. Vimos durante a entrevista sua vontade de participar e a atenção demandada principalmente a menina visto que ainda era uma bebê. A todo tempo a colaboradora tinha que pegar a criança no colo e entretê-la com algum brinquedo para que não precisássemos remarcar a entrevista. Nesta primeira conversa presenciamos a força que essas mulheres têm. A segunda e terceira entrevistas foram de certa forma mais fácil de fazermos, pois, as entrevistadas estavam mais calmas, pois sua atenção estava voltada apenas a conversa que estávamos tendo.

Dividida em 3 perguntas as entrevistadas estavam livres para responder qualquer coisa que achassem pertinentes ao tema proposto na pergunta, sendo a primeira pergunta relacionada as dificuldades de relacionar vida materna, pessoal e acadêmica a segunda relacionada as motivações para seguir o curso e a terceira sobre as pressões sociais existentes no dia a dia.

A análise da coleta desses dados, está apresentada no capítulo referente à análise e discussão do material empírico.

3.4 Colaboradoras da pesquisa: as mães universitárias

Considerando que nosso objeto de estudo, as dificuldades de acesso e permanência de mulheres mães, selecionamos como colaboradoras as alunas com filhos até 6 anos do curso de pedagogia. Realizamos uma entrevista semiestruturada com as colaboradoras para verificar a visão que elas têm de si mesmas diante da temática, a partir de suas falas.

O curso de Pedagogia é composto em sua maioria por mulheres não apenas no campus III bem como outros campi de universidade distintas devido as construções sociais que colocaram esta profissão como dom natural feminino. Com isso o número de mulheres com filhos ou que engravidam durante a graduação tende a ser alto.

A seleção das colaboras se deu pela observação no campus das mulheres que traziam crianças para aula ou as que engravidaram no percurso da graduação, visto este aspecto partimos para o convite para que participassem de uma entrevista que resultou em três mulheres que aceitaram o convite.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

4.1 Entrevista com as interlocutoras

Foram entrevistadas três alunas do curso de pedagogia no turno matutino com idades de 35, 36 e 38 anos. Respectivamente entrevistadas nos dias 24 de março e 7, 13 de maio após prévia conversa acerca da possibilidade de as entrevistar; em seguida marcamos uma data e local a escolha das entrevistadas. Iniciamos a entrevista pelos dados pessoais (nome, idade, estado civil, idade do (s) filho (s), período que cursa). Por questões éticas anunciaremos aqui nomes fictícios: Maria, Gloria e Lucia.

A entrevista com Maria aconteceu no dia 24 de março de 2019, em sua residência, já a de Lúcia dia 7 e Glória dia 13. Levamos um roteiro de entrevista semiestruturado com três questões, por considerar que esse tipo de roteiro deixa a entrevistada mais à vontade para fazer considerações e não ficar acorrentada às perguntas de um questionário fechado, por exemplo.

Nota-se que todas as entrevistadas têm mais que 30 anos, 2 filhos, casadas, e residem em Guarabira. Ambas indicam a pausa na carreira por motivos do casamento e a primeira gravidez, duas delas só entraram no curso por causa do apoio dos respectivos companheiros enquanto outra, relata desdém do companheiro. A seguir as perguntas e a respectivas respostas e análises.

A primeira questão foi “Qual a sua experiência em conciliar a vida acadêmica e materna”? Todas responderam que é uma tarefa difícil como veremos a seguir no relato das próprias

Maria: Não é fácil, porém a gente tem que ter... é... Um auxílio, uma ajuda, porque se não, não tem condições nenhuma, principalmente na hora de fazer os trabalhos ou a criança tem que estar dormindo ou tem que estar com alguém porquê não tem como não, se não for desse jeito.

Lúcia: Bom... A conciliação dos dois pontos é bem desafiante porque eu tive que deixar meu rendimento acadêmico em dia com as tarefas e casa é um outro item que desfavorece ao tempo e com duas crianças Eles comem bastante tempo, precisam de atenção, precisam também do apoio escolar deles, então isso gera um desafio muito grande.

Glória: É muito difícil, mas assim eu tenho ajuda do meu esposo e também pagamos uma pessoa pra ficar com a mais nova enquanto o outro está na escola, pra conciliar tem que acordar muito cedo, sair da zona de conforto que é o mais difícil e manter aquela rotina de “mulher dedicada”, “mulher de casa”, deixar as vezes de fazer um serviço de casa pra ir estudar, mesmo que seja de madrugada né!

Chamamos atenção para outra questão levantada por elas: a rede de apoio que elas citam seja a escola, companheiro, as avós da criança ou babá. Essa rede de apoio é o que as mantém na graduação. Essa pergunta rendeu reflexões muito relevantes sobre o tema, como o a hora destinada aos afazeres acadêmicos que tanto Maria quanto Glória, pelo fato de terem as crianças mais novas relatam que o horário disponível para os afazeres é a madrugada.

Maria: Por exemplo meu marido é policial no dia que ele está no plantão e tem trabalho pra fazer ou eu não faço ou faço de madrugada. Fiz esses dias, ainda em que ele tava de férias, mas tirou extra e nesse dia eu pedi para ele não tirar porque eu tinha uns trabalhos pra fazer, mas mesmo assim ele teve que tirar um extra e eu só faço os trabalhos quando ela dorme, porque ela fica em cima direto, apesar de ter 1 ano e 6 meses, mas não quer estar só... ai quando ela dá um cochilinho eu corro pro computador e quando vai dormir à noite ai eu faço vou até meia noite uma hora da manhã pra poder conseguir fazer.

Glória: Tem a ajuda familiar que é a do meu esposo que se não tivesse eu não teria condição de estar aqui e também tem uma pessoa que eu confio pra ficar com minha filha durante a manhã, que não tenho nenhum problema em deixá-la, o que eu tenho de remorso é quando meu filho diz: “mãe eu quero brincar lá fora” e eu não posso deixar pra ele sair porque eu preciso ficar observando e nessa observação eu tenho que estudar, não tenho aquele tempo pra ele, nem sair no final de semana pra um lazer com a família também fica difícil devido aos trabalhos acadêmicos.

Lúcia: Meu contratempo é os horários porquê a minha menina fica com minha mãe e o pequeno fica dormindo com o pai, pra quando acordar o pai levar pra casa da avó também e ficar lá, mas o que acontece, às vezes ele acorda muito tarde e atrapalha o horário do meu marido, quando atrapalha e ele tá de bom humor passa livremente, bem gostoso, mas quando ele tá com o satanás no couro, como se diz, ai vem toda aquela raiva que ele teve deu tá estudando... Aí ele vem em cima né, que eu tô estudando, não tô dando atenção ao menino, que o menino tá lá e ele precisa ficar senão o menino fica só e não sei o quê. Aí vem aquela cobrança dele, com isso ai vem esse desafio grande demais por conta dos horários, mas isso ai depois eu vou superando.

É visto que Maria e Glória ressaltam ajuda do companheiro que segundo Urpia(2009a) “evidencia que as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos ainda são considerados como colaboração no que diz respeito aos homens, mas para as mulheres é uma obrigação naturalizada”, para conseguir atender as demandas acadêmicas enquanto Lúcia relata grandes dificuldades em conciliar o tempo para família e atividades acadêmicas, exemplificando ainda atitudes do marido quando os filhos “atrapalham a rotina” dele, segundo Urpia (2009a) tal ato é comum, pois:

É frequente, por parte dos homens, uma reação negativa nos momentos de crescimento profissional da mulher. Alguns maridos recorrem à chantagem, e usam como argumento a importância da mulher no que se refere aos cuidados parentais, enfatizando que elas devem dedicar mais tempo aos filhos. Muitos maridos, inclusive, têm grande dificuldade de aceitar que a mulher tenha um nível intelectual mais alto que eles ou receba melhor salário. (URPIA,2009a, p.24)

A entrevistada, mais adiante relatará ainda outros casos relacionados ao companheiro. Glória, no entanto, evidenciou culpa por não estar disponível para seus filhos em tempo integral devido as demandas acadêmica e ao contrário de Lúcia, ela não destaca nenhuma atitude negativa do mesmo. Pode-se constatar a partir daí que ambos companheiros de Maria e Glória as incentiva e participam nos cuidados maternos dos filhos, rompendo um dos principais obstáculos para a desistência do curso, a falta de apoio dos cônjuges.

Ainda na primeira questão, algumas interlocutoras já têm falas de culpa por não cuidar mais da casa, das atividades acadêmicas, dos filhos ou de si mesmas.

Lúcia: Porque minha prioridade é os meninos e a minha formação; então o tempo que eu tenho eu passo realmente envolvendo esses dois pontos. Eles e eu e as atividades domésticas, por exemplo, eu vou juntando um pouquinho, fazendo uma coisa aqui outra ali pra dar ênfase ao principal e deixá-los o mais confortável possível.

Glória: eu tenho de remorso é quando meu filho diz: “mãe eu quero brincar lá fora” e eu não posso deixar pra ele sair porque eu preciso ficar observando e nessa observação eu tenho que estudar, não tenho aquele tempo pra ele, nem sair no final de semana pra um lazer com a família também fica difícil devido aos trabalhos acadêmicos. Pensar em desistir? Sim, penso quase todos os dias (risos) devido ao negar a si mesmo pra ser aluna, acadêmica, aluna de universidade, ser mãe, ser esposa é muito complicado. É difícil tem que negar muitas coisas, até mesmo sua aparência estética, o olho roxo.

As participantes mostram já na primeira pergunta os preconceitos, cobranças, culpa cansaço e sobrecarga de atividades, comum as mulheres, mas não aos homens. Na segunda pergunta pedimos as interlocutoras que respondessem o seguinte questionamento: Como descreveria essa dupla jornada e o que te move/moveu a continuar a graduação? As respostas em maioria descrevem o medo e o prazer de entrar numa universidade, além de sua motivação para continuar a graduação.

Maria Descobriu a gravidez no final do primeiro período e devido à greve na instituição teve sua filha no fim do 2º semestre. Nesta questão ela relatou a pressão que sofreu durante a gravidez de risco e puerpério foi citada ainda como um obstáculo a ser superado durante os primeiros períodos como também foi observado por Costa (2017).

5 engravidaram durante a graduação, sendo que 3 dessas mulheres tiveram complicações durante a gestação, o que se configura como um agravamento da sua condição e por consequência das suas necessidades. De maneira geral para essas mulheres que descobriram a maternidade durante o ensino superior a gestação não foi uma atividade muito agradável, uma das entrevistadas, aluna do curso de Pedagogia, que chamaremos por Helena inclusive descreve a gestação durante a graduação como uma experiência traumática e aconselha – mesmo sabendo que é algo que pode acontecer com qualquer uma, até com aquelas que se previnem –outras alunas a tentar adiá-la ao máximo para depois da graduação, pois é algo difícil de conciliar até mesmo para aquelas que, como ela, teve ajuda dos parentes. (COSTA,2017. p.48)

Também neste período, “tava com ela ainda bebê e fazer os trabalhos pra entregar na data certa porque depois eles não aceitavam mais, esse período foi rojão”, esta inflexibilização dos prazos de trabalhos mostra a falta de empatia acerca do cuidado que uma mãe e bebê requerem, embora a UEPB forneça a mulher 180 dias de afastamento. A mesma descreve a importância do apoio dos colegas para que pudesse superar esse momento de fragilidade “*mas graças a Deus e as minhas colegas me ajudaram com os trabalhos*”, nesta situação perceptível a compreensão do que estavam em seu cotidiano.

Maria: Assim, mesmo sendo uma gravidez de risco meu marido nunca quis que eu desistisse, nem que ao menos e trancasse o período, ele não quis. Ele me ajudou muito desde quando ele soube que eu estava grávida porque foi ele que descobriu (risos), não foi nem eu. Aí minha mãe perguntou “E tu vai continuar? ” E eu disse vou! Até onde eu conseguir. Aí eu tive que ficar né, em repouso por causa da gravidez de risco, passei três meses deitada, aí assim de início os professores de início me entenderam e ajudaram muito, mandando os trabalhos para casa... e eu consegui passar de período e ... assim eu continuei e não desisti, tô até agora terminando o quinto período. E ainda tive que ficar depois dos sete meses eu tive que ficar em casa novamente por conta de problemas na gravidez e também foi outro período que eu tive que fechar em casa, fazendo trabalho em casa, nesses sentido os professores me ajudaram, compreenderam né! A minha situação, depois que eu tive

o bebê, tive os três meses e retornei e graças a Deus a família que eu tenho me ajuda a continuar, pois o que me move a continuar é a vontade de concluir meu curso, que era o curso que eu queria né! E... É uma dupla jornada mesmo, porque tem dias que eu me estresso e choro, principalmente em final de período tem muito trabalho pra fazer e geralmente os professores passam tudo de uma vez só e eu como não tenho muito tempo fico só... fico louca mesmo, mas peço a Deus pra continuar e conseguir terminar os trabalhos em dia né, pra poder entregar e de oito nenhum, não quero ficar reprovada em disciplina nenhuma, porque se eu ficar reprovada aí vai ser pior, porque vai ter as disciplinas obrigatórias e uma extra que eu vou ter que pagar de todo jeito em outro horário que é a noite e eu não tenho condições de ir, que quando ela tava novinha ainda era pior que eu tava no terceiro período, eu com ela novinha aí os professores passaram os trabalhos tudo de uma vez só, tava com ela ainda bebê e fazer os trabalhos pra entregar na data certa porque depois eles não aceitavam mais, esse período foi rojão, mas graças a Deus e as minhas colegas me ajudaram com os trabalhos, para que eu pudesse concluir aquele período e não ficasse reprovada.

No contexto da segunda questão destaco a fala de Lúcia que discutiu em sua resposta o motivo de ter entrado na universidade depois dos 30 *“eu fiquei parada muito tempo por conta de trabalho e dos meus filhos também, eles menorzinhos então era mais difícil eu continuar, então eu parei, e agora continuei e essa motivação é justamente eu ir até o fim”* que como Urpia (2019) cita é comum que as mulheres interrompem suas carreiras em nome do cuidar dos filhos enquanto aos homens isso não é necessário.

Lúcia: [...]eu fiquei parada muito tempo por conta de trabalho e dos meus filhos também, eles menorzinhos então era mais difícil eu continuar, então eu parei, e agora continuei e essa motivação é justamente eu ir até o fim. Até o fim assim né! Porque não tem um fim a formação é constante, porém em termos acadêmicos eu pretendo sim concluir todas as etapas porque eu quero não só me formar como cidadã, mas eu quero me formar pessoalmente, eu preciso disso pra mim né! É uma meta pra mim e também um outro ponto pra eu continuar é justamente os meus filhos; eu quero dar o exemplo a eles, eu quero eu eles percebam que estudar é importante, que estudar vai dar uma capacitação melhor pra eles, vai dar um futuro melhor do que esse que a gente tá vendo aí e se não tiver essa formação vai ser mais degradante ainda como cidadão.

Glória e Lúcia também descreveram certos níveis de culpa por não dedicarem integralmente aos filhos como citado por Araújo (2012) *“a culpa gerada nas mães é consequência de seu trabalho condenável”* pois antes de ser universitária elas precisam dedicar-se a vida de mãe e dona de casa.

Ao citar as motivações para continuar no curso Glória ressalta o motivo de escolher o curso de Pedagogia:

Glória: O que me motiva a continuar é.... Eu gosto do curso, eu gosto, é.... também está, **o curso parte um pouco do que eu vivo que é a maternidade,**

pra entender melhor eles e o que mais me motiva? É ter o apoio do meu esposo em casa, ele nunca pediu para eu desistir, mas continuar sempre e, o conhecimento, eu quero, eu gosto de buscar o conhecimento. E a culpa que eu sinto é em relação ao meu filho mais velho que quer sair, se divertir e eu não ter esse tempo pra ele, não sei se isso futuramente vai prejudicar ele, e a minha relação dele comigo, mas o que eu tenho pra mim é que eu estou melhorando por eles, se não fosse isso também não valeria a pena. Tudo que a gente pretende dói é sofrido, mas pra se ter sempre e assim é doido e sofrido. (Grifo nosso)

A fala de Glória mostra ainda uma visão arcaica do que é pedagogia, quando a mesma o vê como profissão intrinsecamente ligada a maternidade. Mais uma vez o apoio dos familiares é o que faz as colaboradoras permanecer no curso bem como a possibilidade de mudar de vida e gostos pessoais.

Lúcia em parte de sua fala ressalta a sobrecarga que vive devido à falta de apoio do marido como vemos na seguinte fala:

Lúcia: E é em cima dessas prioridades que eu faço meu tempo, porque o tempo ele é igual pra todo mundo, tem 24 horas e nessas 24 horas eu tenho que dar andamento a aquele dia, então são pelas prioridades que eu poso fazer acontecer naquele dia né, o trabalho tem que ser desenvolvido nessas 24 horas e daí quando você traça o ponto das prioridades ai esse tempo ele vai ter justamente um andamento bem favorável. [...]. Muitas pessoas que já são do meio acadêmico me parabenizam e ficam assim abismadas tipo: como é que consegue, como eu dou esse feito sempre entregando os trabalhos em dia e etc., mas quem não é, quem ainda tá naquele período passado, no meio familiar. Meu marido por exemplo é um deles, se eu dependesse dele pra estar aqui hoje eu não estaria, porque a ajuda que ele dá é “Ah eu torço por você! Você vai longe, você consegue“, mas eu percebo que isso assim não é dele mesmo, é da boca pra fora. É como se ele tivesse dando esse apoio pra não dizer que não disse nada, mas por ele eu não teria nem entrado porque já sou mãe, já sou dona de casa, pra quê eu precisaria disso na opinião dele e de muitas outras pessoas com esse mesmo pensamento que fica “Ah mulher, mas tu vai voltar de novo com esses dois meninos? E isso dá certo? E vai dar conta?” e ficam assim com esse pensamento ainda lá arcaico, lá atrás.

A terceira questão foi “Como você lida com as pressões externas para ser uma “boa mãe”, “boa aluna”, “boa esposa/dona de casa”? ”. Nesta questão esperávamos que as colaboradoras discutissem as pressões em que vivem por serem mulheres, donas de casa, mães e estudantes universitárias.

Maria: Bom não me importo muito com essas expressões, procuro sempre da o meu melhor em tudo que eu faço, cuido bem dos meus filhos dou sempre atenção pra eles, e pro esposo também, sempre que possível tento ser uma boa aluna também!

Maria diz não se importar com a opinião alheia, mas enfatiza que faz todos os seus afazeres maternos e domésticos e se possível empenha-se em ser uma boa aluna. De acordo com Costa (2017) tal resposta é resultado de uma pressão social na qual:

Para a sociedade a mulher ainda deve priorizar o (a) s filho (a) s e a casa em detrimento de si mesma. É permitido hoje que a mulher ocupe alguns espaços públicos, mas que não abandone as suas tantas outras funções dentro do espaço doméstico (COSTA, 2017. p.30).

Quanto este aspecto Lúcia também relatou sofrer também com a sua mãe que afirma que ela deixa as crianças de lado:

Lúcia: quando vem a pressão da sociedade, esse fator pessoal eu tento parar e tento não trazer os problemas da universidade para casa é difícil porque não tem como, muitas vezes eu tô em casa, tenho muitas tarefas mais da universidade que da própria casa que eu até deixo, não que não tenha, mas eu vou deixando, vou deixando e vi acumulando e da universidade não, eu deixo sempre tudo em dia. Então é essa questão de tá deixando de lado o pessoal, traz muito transtorno pra vida de casada, o relacionamento, pra mãe também, que as vezes até a minha mãe também me chama a atenção, porque no pensamento dela eu deixo um pouco os meninos, meus filhos um pouco de lado, segundo ela.

Glória: Pra ser uma boa mãe, eu deixo a desejar como eu te falei, não dá pra sair em tempo de trabalhos intensos né! E a gente tenta suprir de outras formas aquela necessidade da criança de passear, e deixo a desejar em alguns momentos por conta da rotina da faculdade, acaba que vem vindo a culpa né, mas a gente tem que lidar com isso, porque sabe que vai se o melhor pra eles.

Glória e Lúcia citaram a importância de estar com os filhos e a tristeza de não poder estar com eles que segundo Urpia (2009a) é resultado crença de que não estão exercendo bem a função social esperada de uma “boa mãe” como mostra a citação abaixo.

Mesmo nos dias atuais, em pleno século XXI, as mulheres continuam a vivenciar **sentimentos de culpa e frustração** quando pensam não estar correspondendo aos ideais da maternidade. Contudo, a verdade é que

raramente dão-se conta de que os filhos são responsabilidades de homens e mulheres. A culpa e a fadiga diante da difícil tarefa de conciliar maternidade e vida profissional ou acadêmica, como é o caso das participantes de nossa pesquisa, continuam a desestabilizar a vida de muitas mulheres da contemporaneidade. No entanto, poucas vezes a nossa sociedade dispõe-se a pensar sobre este assunto através de uma *lente de gênero* que ultrapasse a discussão sobre a condição feminina ou “os dilemas da mulher moderna”. Os cuidados com os filhos continuam, de modo geral, a ser entendidos como “coisa de mulher”, de modo que, embora alguns direitos tenham sido garantidos no plano das leis, estes ainda estão longe de favorecer uma experiência de maternidade compartilhada no plano da vida cotidiana dos casais e pais. (URPIA,2009a, p.131)

E o cansaço gerado pela preocupação excessiva com os afazeres maternos e domésticos inevitavelmente recaem sobre o desempenho acadêmico e o momento em que decidiram ingressar no ensino superior. Sendo inevitáveis os pensamentos de desistir.

Lúcia: Então as dificuldades também vão passar e se eu desistir de uma coisa que eu quero muito, que eu almejo, que eu sonho, que eu quero pra o meu futuro, se eu desistir dele agora eu não vou ter outra oportunidade, talvez eu não tenha oportunidade lá na frente. É cada dia mais difícil se conseguir o que quer, então quando vem essas atribulações, essas pressões que me impulsionam pra desistir, eu paro e penso em tantas pessoas que gostariam de estar no meu lugar, em tantas pessoas que tem mais problemas do que eu e elas continuam, não abrem mão e porque eu Lúcia abriria mão? Entendeu?! É partindo disso, eu paro um pouquinho, as vezes é um momento de aflição e eu penso em jogar tudo pro alto sim, mas e volto a insistir e essa oportunidade, talvez eu não possa ter no futuro, talvez eu não consiga, é isso que me impulsiona.

Glória: aquela vontade de desistir, de “será que vale a pena tudo isso? ”, mas eu creio que vale a pena por isso que eu ainda estou na caminhada. É isso!

Mas esses momentos de desânimo segundo o relato das mesmas como podemos observar é tomado pela esperança de mudar de vida e oferecer bem-estar as suas crianças, que desde o início da entrevista ambas deixam claro ser o seu maior objetivo no curso de Pedagogia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento do número de mulheres mães recém-ingressas no ensino superior vêm aumentando a cada ano, portanto a necessidade da elaboração e apresentação desde trabalho nesta estrutura de gênero, pois por muito tempo as mulheres eram privadas do voto, trabalho terceirizado, escolha do parceiro, estudos, principalmente o ensino superior e aos poucos foi se desfazendo os preconceitos que as impediam de trabalhar, estudar e votar. Nesse contexto no Brasil o ingresso das mulheres no ensino superior só se tornou expressivo a partir da década de 70 e desde então vem se destacando sua participação nesses lugares antes ocupados pelo masculino.

Na elaboração desse relatório foi possível aprofundar o olhar com relação a essas mulheres, sua rotina e o esforço para se sair bem em todos os âmbitos da vida, perpassando as esferas do relacionamento amoroso, familiar e acadêmico, através dos diálogos com essas mulheres é possível afirmar que todas buscam a melhoria da qualidade de vida da família anseiam pelo conhecimento além de prezar pela pontualidade na entrega de trabalho mesmo que para isso abdicuem de noite de sono, passeios no fim-de-semana, acompanhar os filhos em suas brincadeiras em casa e na rua e tenham que se valer de várias estratégias para continuar com o título de “boa –dona-de-casa”.

Nesse conjunto de relatos, as entrevistadas construíram sentidos em suas experiências, mostrando os caminhos usados para contornar os obstáculos diários expressos por prazos, preconceitos, chantagens, sobrecarga de trabalho doméstico, entre outros. Colocam suas expectativas de futuro sabendo que fazem seu melhor agora, pois assim existência humana é construída; através de projetos de vida, buscando estabilidade financeira e psicológica como citado por Urpia (2009) é possível dizer que é uma “cultura pessoal” dessas mulheres que “permite criar estabilidade subjetiva capaz de oferecer-lhes um *background* para as certezas inevitáveis decorrentes do ser mãe no contexto acadêmico.”.

Os depoimentos colhidos demonstram o preconceito partindo das mesmas, pois tratam com naturalidade o fato de serem as protagonistas da criação dos próprios filhos, alimentando práticas sexistas. A maternidade almejada por muitas, no contexto acadêmico se transforma em preocupações gerando conflitos familiares e a culpa por falhar na conciliação dessas esferas de

suas vidas, culpa está não apenas partindo do companheiro, família e filhos, mas de si própria que as fazem se dividir entre serem boas mães, boas donas de casa e boas acadêmicas. Tais mulheres não se culpam por serem mães, mas por não dar atenção aos filhos, companheiro e casa, externando várias vezes em suas falas a preocupação com tais âmbitos de sua vida.

Deste relato podemos acompanhar a luta dessas Mães para seguir o ritmo imposto pela sociedade de serem perfeitos em tudo que exercem é necessário que providenciamos uma reeducação a cerca dá não perfeição feminina e a sobrecarga de trabalho que as mesmas carregam durante toda vida pessoal e acadêmica.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, R. C.; PORTES, É. A. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 809-832, dez. 2012. Trimestral.

BITENCOURT, Silvana Maria. **Maternidade e Universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 41., 2017, Caxambu. Encontro anual da ANPOCS. São Paulo: Anpocs, 2017. p. 1-27.

BÍBLIA. Português. In: **Bíblia Sagrada**: Edição pastoral. 9ªed. São Paulo: Paulus, 2015. 1543p.

COSTA, Arilane Lima da. **A Assistência estudantil como ferramenta determinante para a garantia do direito à educação**: A realidade de alunas mães da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). 2017. 95 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/4717>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

GOMES, Lídia Laís Balbino. **MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA**: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica. 2020. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

LANZETTA, Roberta Corrêa. **Apoios comprados: formas contemporâneas de suporte à maternagem**. 2016. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.

MALHEIROS, Bruno Tarando. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MELLO, Soraia Carolina de. Uma profissão invisível: dona-de-casa (1970-1989). **Perseu**: História, memória e política, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 59-83, jul. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

MORAIS, Elyziane Rhaquel Araújo. **Estudo educacional da culpabilidade materna: Uma abordagem feminista de gênero**. 2012. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/1947>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, mar. 2004. Trimestral.

PEREIRA, A. C. F.; FAVARO, N. A. L. G. **HISTÓRIA DA MULHER NO ENSINO SUPERIOR E SUAS CONDIÇÕES ATUAIS DE ACESSO E PERMANÊNCIA, XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26207_12709.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018

PRIORE, Mary del. **Ao sul do corpo**: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2008. 302 p.

RIBEIRO, Flavia Gripp. **Mães estudantes**: desafios da maternidade e da permanência na universidade enfrentados pelas alunas do curso de serviço social da unb.. 2016. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, Luciana da Silva. **Profissão: do (lar)**: a (des) valorização do trabalho doméstico como desdobramento da (in) visibilidade do feminino. 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SANTOS, Máira Barbosa. *A participação das mulheres no ensino superior*. **Revista Três [...]** **Pontos**, [S.l.], v. 11.1, p. 47-59, mar. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/viewFile/2660/2036>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

STELLIN, Regina Maria Ramos *et al.* Processos de construção de maternagem: Recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.16, n.1, p.170-185, jun.2011

TOMÉ, Dyeinne Cristina *et al.* A educação feminina durante o Brasil colonial. In: SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, 6., 2012, Maringá. **Anais da Semana de pedagogia da UEM**. Maringá: Uem, 2012. v. 1, p. 1-12.

UEPB (Paraíba) (org.). **CH - Centro de Humanidades**: sobre a instituição. Sobre a instituição. Disponível em: <http://centros.uepb.edu.br/ch/sobre-a-instituicao/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

URPIA, A.M.O. SAMPAIO, S.M. R. **Mães e universitárias: transitando para a vida adulta**. In: SAMPAIO, S.M.R. org. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 145-168. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books. **A MULHER NO ENSINO SUPERIOR DISTRIBUIÇÃO E REPRESENTATIVIDADE**. Rio de Janeiro: Flacso, 2014. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018.

URPIA, Ana Maria de Oliveira. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante**. 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009a.

URPIA, A. M. O. SAMPAIO, S. M. R. TORNAR-SE MÃE NO CONTEXTO ACADÊMICO: DILEMAS DA CONCILIAÇÃO MATERNIDADE - VIDA UNIVERSITÁRIA. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 30-43, jan. 2009b. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n04/pdf/ana_maria_de_oliveira_urpia_-_sonia_maria_rocha_sampaio.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018.

APÊNDICE A – ROTEIRO TEMÁTICA DE ENTREVISTA

1- Questões iniciais

- Dados pessoais: idade, estado civil, idade da (s) criança (s), período do curso.
- Qual sua experiência em conciliar a vida acadêmica e materna?
- Como descreveria essa dupla jornada e o que te move/moveu a continuar a graduação?
- Como você lida com as pressões externas para ser uma “boa mãe”, “boa aluna”, “boa esposa/dona de casa”?
- Você tem uma rede de apoio?

2- Temáticas possíveis

- Culpabilidade materna
- Reação da família e professores diante da maternidade.
- Apoio de amigos e/ou família
- Significado de maternidade
- Aprendizagens significativas
- Desafios dessa experiência
- Mudanças de rotina
- Qualquer outra demanda da entrevistada

ANEXOS